

Questões de Gênero e Sexualidade em Xequê e Famílias em Choque. O que a Escola tem a ver com Isso?

Gender and Sexuality Issues Check and Families in Shock. What Does the School Have to do with it?

Tânia Silva Neumann Barroso^{a*}; Jurema Iara Reis Belli^b

^aUniversidade da Região de Joinville, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação. SC, Brasil.

^bUniversidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Tecnológicas. SC, Brasil.

*E-mail: taniaanbarroso@gmail.com

Recebido em: 07/07/15. Aprovado em: 17/11/15

Resumo

O objetivo principal deste artigo foi analisar as narrativas de jovens adolescentes do último ano do ensino fundamental (9º ano) sobre os conhecimentos e conceitos de gênero, sexualidade, identidade, orientação sexual, buscando tecer alguns conhecimentos e informações, aproximando-os da realidade vivenciada na família, na escola e na sociedade na qual vivem. Problematicamos o estudo com este grupo, a partir das narrativas que envolveram os debates presentes nas aulas de Geografia com o tema “orientação sexual”, que ganhou enfoque no grupo a partir da seguinte colocação: “O meu irmão não sabe se é homem ou mulher... Muitas vezes ele gosta de colocar roupas da minha irmã”. A discussão teórica permeia a relação dos tópicos acima, embasada nas perspectivas dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN – e por autores que discutem a temática. Os resultados indicaram um enorme caminho ainda a ser trilhado, para desmistificar as ideias acerca da sexualidade, identidade de gênero, orientação sexual, enfim, a construção de uma sociedade mais igualitária e tolerante às diferenças.

Palavras-chave: Gênero. Família. Identidade. Orientação e Diversidade Sexual.

Abstract

The main objective of this study was to analyze the young teenagers' narratives at the last year of elementary school (9th grade), about the knowledge and concepts of gender, sexuality, identity, sexual orientation, trying to make some knowledge and information, approaching them to the reality experienced in family, school and society where they live. We have problematized our study with this group, from the narratives which comprised the debates present in Geography lessons, where the “sexual orientation” theme gained focus in the group, with the following statement: “My brother does not know if he is male or female... sometimes he likes to put on my sister's clothes “. The theoretical discussion will permeate the relationship of the above topics, based on the perspectives of the National Curriculum Parameters (NCP), and by authors who discuss this issue. The results indicated a huge path still to be paved, to demystify the ideas about sexuality, gender identity, sexual orientation, in short, the construction of a more egalitarian and tolerant to the differences society.

Keywords: Gender. Family. Identity. Sexual and Orientation Diversity.

1 Introdução

Buscamos, com a presente proposta, estabelecer um diálogo sobre alguns temas ainda polêmicos em nossa sociedade e principalmente no espaço escolar, voltados para as questões de gênero, família, identidade, orientação e diversidade sexual, os quais adentram no currículo escolar, em diversas áreas sociais, e requerem contribuições transdisciplinares e envolvimento de grande parte dos docentes.

Diante desta perspectiva, objetivamos problematizar com os alunos do 9º ano do ensino fundamental, dentro da temática “orientação sexual” – atrelada aos temas transversais, sugeridas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN –, na disciplina de Geografia, algumas inquietações que ainda se fazem muito presentes nas discussões em sala, quando se percebe que a escola ainda é *locus* da discriminação e falta de orientação adequada no quesito orientação sexual.

A problemática ganha “corpo” dentro dessa aula com as dúvidas, culpas, discriminações, inseguranças, falta de conhecimentos, medos, tabus, exemplos, quando o assunto “relações de gênero, diversidade e orientação sexual”, mora dentro das “nossas casas” e não tem respaldo familiar

suficiente para amenizar tantas inquietações.

Neste horizonte, precisamos de suporte como escola para dar contorno elucidativo ao grupo, conforme nos orienta a Secretaria da Administração – SECAD, dizendo que

[...] o objetivo das orientações curriculares para a abordagem de relações de gênero e de diversidade sexual na Educação Básica, é desenvolver ações educativas que garantam estas temáticas na construção de um currículo multicultural e sobretudo, do direito à diversidade (BRASIL, 2009a, p.32).

Alguns teóricos norteiam essa discussão, dando melhor visibilidade à diversidade, como Arroyo (2000), Louro (2004, 2007), Auad (2004), Santos (1986), Ciampa (1986, 2000), entre outros, bem como os próprios PCN.

Dos PCN há ancoramento, pois foram elaborados procurando, de um lado, respeitar diversidades regionais, culturais, políticas existentes no país e, de outro, considerar a necessidade de construir referências nacionais comuns ao processo educativo em todas as regiões brasileiras. Com isso, pretende-se criar condições, nas escolas, que permitam aos jovens ter acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da

cidadania.

Nesta linha, a Geografia, na proposta dos PCN, tem um tratamento específico como área, uma vez que oferece instrumentos essenciais para a compreensão e intervenção na realidade social, e abrange as preocupações fundamentais apresentadas nos temas transversais, identificando-se, portanto, com aquele corpo de conhecimentos considerados como questões emergenciais para a conquista da cidadania. Nesse sentido, os PCN apontam que:

[...] A finalidade do trabalho de Orientação Sexual é contribuir para que os alunos possam desenvolver e exercer sua sexualidade com prazer e responsabilidade. Esse tema vincula-se ao exercício da cidadania na medida em que propõe o desenvolvimento do respeito a si e ao outro e contribui para garantir direitos básicos a todos, como a saúde, a informação e o conhecimento, elementos fundamentais para a formação de cidadãos responsáveis e conscientes de suas capacidades [...] (BRASIL, 1997, p.129).

Com esta visão, partindo-se do pressuposto de que a realidade do mundo e da vida dos nossos adolescentes na escola é muito mais ampla do que a possibilidade teórica de qualquer área do conhecimento para dar conta de sua explicação e compreensão isoladamente, e de que isso não pode ser feito de forma fragmentada, a prática docente, didática e pedagógica da interdisciplinaridade torna-se um recurso para impedir o ensino fragmentado do mundo. Ainda atrelado a essa realidade do mundo, concordamos com Arroyo (2000, p.164) quando diz “que a própria história da nossa evolução como espécie humana nos aponta a resposta: formamos-nos humanos no convívio com outros humanos”.

Esta humanização, que é central nos processos de ensino-aprendizagem, acontece com a interação com outros humanos, com os semelhantes e com os “diferentes”, e, de certa maneira, os eixos temáticos organizadores dos conteúdos no ensino da Geografia deverão estar também contemplando os temas transversais. Isso não significa abrir mão dos objetivos e metodologias específicos da área, mas abrir-se à possibilidade de introduzir esses temas para garantir uma formação integrada do aluno com o seu cotidiano, discutindo, compreendendo e explicando temas de relevância social.

Temas relacionados com a Ética, Pluralidade Cultural, Trabalho e Consumo, Saúde, Orientação Sexual, Meio Ambiente, que fazem parte do universo desse cotidiano, não esgotam todas as possibilidades de interface com os temas transversais, mas, mediante uma postura seletiva, procura-se construir a transversalidade como uma das prioridades.

Dentro desses temas acima relacionados, nosso trabalho ganha um recorte especial para a orientação sexual, geradora de toda a discussão com o grupo de alunos, e um levantamento de informações relevantes que estes alunos tinham a respeito do tema “orientação sexual” se fez necessário.

Segundo Louro (2004), “a escola, como um espaço social importante de formação de sujeitos, tem um papel importante a cumprir, em torno das desigualdades de gênero, e aprofundar os temas relativos à sexualidade”.

Santos (1986) corrobora essa linha quando afirma que muitos livros tratam a população como uma descrição dos elementos do espaço, como dados estatísticos, ou ainda como uma síntese das desigualdades. No leque das desigualdades são trabalhados alguns temas como etnias, culturas, religião, sexo, região, entre outros, mas a temática da orientação sexual é excluída de quase a totalidade dos livros.

2 Material e Métodos

2.1 Metodologia

A presente pesquisa inicialmente consistiu numa abordagem qualitativa, em forma de questionários, que permitia compreender os fenômenos existentes e as realidades sociais (BAUER; GASKELL, 2008), possibilitando interpretar as concepções de diferentes contextos abordados pelo homem (MINAYO, 2008). Contudo, após a devolutiva dos mesmos, percebemos que precisaríamos ampliar nossas discussões, aprofundando os debates entre professor x alunos. Deste modo, pensamos na produção de grupos focais, que se caracterizam também como uma ferramenta da pesquisa qualitativa, estratégia usada quando se quer saber mais sobre as “representações, preconceitos, hábitos, crenças, prevalentes no trato de uma determinada questão, por pessoas que objetivam conhecimentos comuns” (GATTI, 2005, p.11).

Assim, tendo como participantes do estudo os alunos do último ano do ensino fundamental (9º ano) de uma escola municipal localizada na zona sul da cidade de Joinville-SC – que neste contexto vai levar o nome fictício de Escola Municipal Papa Francisco –, seguiremos com o propósito de discutir, analisar e verificar o conhecimento prévio que os alunos já possuíam em relação ao tema “orientação sexual” – sobretudo após algumas narrativas em sala e questionamentos como:

- O meu irmão não sabe se é homem ou mulher... Muitas vezes ele gosta de colocar roupas da minha irmã....
- Na minha família tenho parentes gays e lésbicas e vivemos todos em harmonia... Isso é proibido?
- Minha mãe dorme com a sua amiga, e daí?

Após a coleta de dados e a análise dos questionários iniciais e relatos dos grupos focais, seguiram-se os critérios de “interpretação relacional”, compreendidas nas leituras de Dubar (2006), que realiza um entrelaçamento entre os vários determinantes constituintes da história pessoal e social do indivíduo.

Optamos ainda pela utilização desta metodologia no estudo, pois, de acordo com Neves (1996, p.38),

A abordagem qualitativa, para um tema relevante como a sexualidade adolescente, permite identificar com razoável profundidade perfis característicos deste universo. Ela interage com maior profundidade entre pesquisador e sujeito instigando-o a uma reflexão que forneçam um enfoque diferenciado para a compreensão de sua realidade [...].

Os alunos ainda assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, mesmo sendo todos matriculados

regularmente no último ano do ensino fundamental – 9º ano, na disciplina de Geografia, explicitando o direito à desistência e o sigilo quanto às opiniões, conceitos e visões particulares.

3 Resultados e Discussão

3.1 Identidade em xeque

Na adolescência, idade entre 14 e 15 anos, o que sabemos sobre a palavra “identidade”? Quem é você, quem sou eu?

Conforme Ciampa (1986, p.59),

[...] quando estas perguntas surgem, estamos pesquisando ‘nossa identidade’. Estamos buscando respostas. É um conhecimento que buscamos de nós mesmos. Quando queremos conhecer a identidade de alguém, saber quem ele é, nossa dificuldade consiste apenas em saber informações sobre este ‘outro’ [...].

Estas perguntas aparentemente simples parecem fáceis de responder, mas não são quando estamos diante de um grupo de adolescentes que se “autointitulam adultos” – e se arriscamos chamá-los de “crianças” é pagar “um mico” na frente dos outros.

Diante desses questionamentos, é profícuo entender que a escola, sendo um dos principais espaços para discussão das temáticas de corpos, gêneros, sexualidades, participa da produção de determinados tipos de sujeitos e de suas identidades – étnico-racial, sexual, religiosa, profissional, de acordo com os códigos e regras estabelecidos social e culturalmente.

Nesta etapa da descoberta da identidade, pergunta-se aos alunos: o que vem a ser a adolescência? Ela tem início, meio e fim?

Em contrapartida, questionamentos importantes que eles se fazem é: Sou normal? Quem eu sou? Qual é o meu lugar no mundo?

Os adolescentes passam por mudanças físicas e emocionais incrivelmente radicais neste período da vida. As mudanças físicas podem ser vistas a olho nu. Quanto às alterações emocionais, se visíveis, seriam muito mais drásticas que as físicas, e isso dificulta ainda mais a resposta.

Será tão fácil dizer quem somos? Para Ciampa (2000, p.60):

[...] não é tão fácil como parece à primeira vista, podemos dizer que é um problema digno de pesquisa [...]. Psicólogos, sociólogos, filósofos, antropólogos, os mais variados cientistas sociais têm estudado a questão da ‘identidade’.

Não é percebido pelos adolescentes que, em praticamente todas as situações da vida cotidiana, a questão da identidade aparece de uma forma ou de outra. É frequente nesta idade que já estejam envolvidos em algum namoro ou “ficando”, como costumam dizer, e, de repente, descubram que estão “enganados” a respeito da identidade da outra pessoa, não sendo ela quem pensavam que fosse, ou ainda pior, quando descobrem que estavam enganados a respeito da sua própria identidade (descobrem quem realmente é seu pai biológico), e isso gera um “nó” em suas cabeças. Afinal, se

esse desconhecido é meu pai, então eu não sou filho de quem pensava ser.

A expressão de Ciampa (1986, p.72) muito bem nos esclarece isso quando afirma que “a identidade do outro reflete na minha e a minha na dele, e ele só é meu pai porque sou filho dele”.

Mas, afinal, o que estes questionamentos representam na construção da identidade dos sujeitos que integram nossas aulas?

Será que a aparência física, o corpo ou a noção que temos de masculino ou feminino, a orientação sexual das pessoas, tem alguma relação com o processo de constituição de nossa identidade?

Analisando e entendendo que,

[...] Nesse processo, estabelecemos relações com os outros que se constituem como diferentes espelhos para diferentes identificações, para novas predicções. São elas que permitem que a identidade assuma diferentes papéis, em relação a outros, em diferentes contextos (CIAMPA, 1986, p.135).

Entendendo então que as identidades sociais e, entre elas, as identidades sexuais e de gênero adentram a escola onde nossos adolescentes constroem significados, isso quer dizer que a escola está envolvida nesses processos de construção, nos quais o aluno não pode ser visto de maneira isolada, fragmentada do contexto, pois ele se constitui através das representações de vida que traz consigo. Processos estes relacionados à sexualidade, gênero, relacionamentos, corpo reconfiguram-se e recompõem-se, formando e assumindo significados diversos. Significados estes que vão ser na escola compartilhados e vivenciados, nem sempre de forma harmoniosa por diferentes grupos e identidades sociais, que disputam os significados que produzem; na escola também se atualizam e modificam algumas dessas identidades. Essas modificações

[...] expressam o outro ‘outro’ que sou, possibilita a metamorfose da minha identidade [...]. Logo identidade também é metamorfose, o que significa que está em constante transformação, sendo o resultado entre a história da pessoa, o seu contexto histórico e social e os seus projetos (CIAMPA, 1986, p.179).

Tendo então a identidade essa essência dinâmica, é fundamental entender que ao assumir-se como homem ou mulher e assumir também sua sexualidade, culturalmente tem sido necessário e fundamental para a construção de uma política de identidade, construindo novas formas de viver este “masculino ou feminino” e seus efeitos na vida dos sujeitos.

Nessa perspectiva, cabe aqui o comprometimento do professor em tentar desconstruir padrões e rótulos para a construção e afirmação da identidade dos alunos, para que se tornem adultos livres de preconceitos e estereótipos, exercendo sua liberdade de expressão dentro e fora do espaço escolar, de forma que reconheçam sua identidade como seres humanos pertencentes a um determinado gênero, ainda que este não seja o aceito pela nossa sociedade.

3.2 Sexualidade, relações de gênero, orientação e diversidade sexual, o que é isto tudo, professora?

Nos adolescentes de todas as classes sociais, etnias, escolas públicas ou privadas, esta é uma pergunta que não se cala e necessita sempre de respostas, pois as questões ligadas à diversidade sexual sempre foram e ainda são atreladas há muitos mitos e tabus em volta da palavra “sexualidade”.

No entanto, em vários documentos oficiais, livros, programas de orientação nessas temáticas, sempre surgem definições para esclarecer alguns questionamentos, porém, no nosso estudo, o que achamos conveniente e adequado para trabalhar com nossos alunos é amparado pela publicação da SECAD, que diz:

[...] Fruto de processos históricos, sociais e culturais, gênero e identidade, sexualidade e orientação sexual, além de fortemente relacionados, se imbricam de maneira complexa e dinâmica em diversas áreas sociais e requerem contribuições analíticas que considerem perspectivas transdisciplinares e, ao mesmo tempo, as considerem no plano da ética e dos direitos humanos, numa perspectiva emancipatória (BRASIL, 2009a, p.15).

Neste sentido, significar e ressignificar para os jovens que a sexualidade é um conjunto de descobertas, crenças, práticas, escolhas, fantasias e experiências relacionadas ao ato sexual, construídas ao longo da vida das pessoas, nem sempre é papel fácil.

As questões de sexualidade na escola ainda são alvo de discussões e polêmicas em muitos momentos, nos quais há os que defendem que tais assuntos são de ordem privada, particular, responsabilidade só da família, enquanto outros ainda pensam que falar de sexo na escola pode despertar as crianças precocemente para o assunto, ignorando todos os meios de comunicação, a mídia, que bombardeiam imagens e programas em horários cada vez mais acessíveis para as crianças e adolescentes. Diante destas situações, ressurgem entre nossos adolescentes novamente os questionamentos: Podemos definir a sexualidade? Existe um padrão para ela?

Para explicar isso, precisamos entender que limitar o campo da sexualidade apenas a dois universos – masculino e feminino, é estigmatizar, disseminar preconceitos, já que a dimensão da sexualidade humana é vasta e complexa. Precisamos entender também que há outras tantas maneiras de ser homem ou mulher, e isso não está ligado somente às genitálias das pessoas. Há ainda as questões psicológicas, biológicas, sociais, culturais, em que a pessoa se sente pertencente a este ou aquele sexo. Nas palavras de Louro (2004, p.12): “as identidades sexuais e de gênero, como todas as identidades sociais têm o caráter fragmentado instável, histórico e plural, afirmado pelos teóricos e teorias culturais”.

O “mundo” permite que as pessoas se relacionem da forma que queiram?

É interessante destacar, nestes momentos de discussão, que não existe uma definição única e fechada para a sexualidade humana, nem um padrão. A experimentação

de diversas formas de prazer e novas sensações sempre fez parte da infância e vai fazer parte da adolescência, mas essas experiências não vão obrigatoriamente definir a identidade da pessoa ao longo da sua vida. Sabemos que a sociedade cria padrões de normalidade e reprime determinadas condutas não condizentes às suas expectativas.

Louro (2007) nos auxilia esclarecendo que as identidades sexuais se constituíram por meio das formas como as pessoas viveram e vivem sua sexualidade, com parceiros do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou sem parceiros. Ainda completa quando diz que a sexualidade tem a ver com o modo como as pessoas vivem seus desejos e prazeres, tem a ver, portanto, com a cultura e a sociedade na qual a pessoa está inserida.

Quando perguntamos em sala: E o que vem a ser a diversidade sexual? Antes de termos uma possível resposta, talvez dizendo que a diversidade é utilizada para definir as múltiplas expressões da sexualidade, e que também não existe um padrão que possibilite definir o envolvimento afetivo e sexual de um indivíduo em relação ao outro, já recebemos em contrapartida novas inquietações, novas perguntas como: É possível falar da diversidade sexual nas escolas livremente? Ela é respeitada na família ou em outros grupos sociais? Como lidar com isso?

Em meio aos debates no nosso grupo, surge um relato muito espontâneo de um dos alunos, dizendo:

[...] Ô profe... lá em casa mora minha vó, que dorme no quartinho dela sozinha. Eu e o mano na beliche no outro quarto. A minha mãe tem um quarto só pra ela...só pra ela não... a ‘miga’ dela é que dorme com ela. E outro dia profe... eu levantei de noite pra ir ao banheiro e tinha barulho... fui espiar com um medo danado, achei que tinha alguém dentro da nossa casa... mas era do quarto da minha mãe. Ela e a ‘miga’ dela ‘tavam’ se namorando e beijando na boca. Até hoje ela não sabe que eu espiei ela[...].

Diante de narrativas como estas, como que a escola pode se manifestar?

A escola não é um espaço isolado da sociedade. Ainda que ela viva entre muros, precisa ser vista como um espaço de desconstrução de mitos e tabus produzidos socialmente. Sozinha ela não pretende e nem conseguirá responder a todos estes questionamentos que dia-a-dia vem surgindo em torno do “modelo das sexualidades”. É evidente que a diversidade sexual está dentro das casas e dentro das escolas, mas quando é percebida ou descoberta, como no caso deste nosso aluno, acaba sendo tolhida, abafada, engolida, muitas vezes sem entender, ou com vergonha de não ser “aceita” pela sociedade em que se convive, e não se enquadra no perfil da maioria das pessoas tidas como normais, e neste sentido devemos entender que

[...] a vivência da sexualidade faz parte da identidade da pessoa e deve ser compreendida em sua totalidade [...] homossexuais, bissexuais têm as mesmas possibilidades e capacidades que heterossexuais para amar, estabelecer relações afetivas e criar filhos – o que equivale a dizer que essas práticas não podem ser questionadas em razão de sua

homoafetividade ou da sua identidade de gênero (BRASIL, 2009b, p.27).

Neste sentido, é importante lembrar aqui que a diversidade sexual também é um direito sexual, e consequentemente um direito humano básico, e que “esta nossa sociedade” legítima e favorece a construção de determinadas identidades em detrimento de outras, dentre elas as de gênero e sexualidade, produzidas e reproduzidas muitas vezes dentro das escolas e das famílias, “no cotidiano escolar, onde a sexualidade está presente nas mais variadas formas: nos pressupostos acerca da conformação das famílias, dos papéis e do comportamento de homens e mulheres” (BRASIL, 2009a, p.35).

Ainda para a efetivação de discussões deste nível, com alunos que estão se descobrindo sexualmente, cabe a escola buscar condições educacionais favoráveis como a proposta dos PCN:

[...] Cabe então ao educador responsável a organização dos temas [...]. Cabe ao educador identificar essas manifestações como curiosidades acerca dos aspectos relacionados à sexualidade e intervir pontualmente, permitindo que as dúvidas possam ser colocadas e o assunto possa ser tratado de forma explícita e direta [...]. O professor deve oferecer espaço para discussão e esclarecimento (BRASIL, 2009b, p.131).

Este trabalho de buscar espaço para esclarecimentos, ampliando as discussões na educação em torno das questões de gênero e sexualidade com os alunos e a comunidade escolar torna-se uma tarefa educativa nada fácil, “pois a escola delimita espaços, utilizando-se de símbolos, e afirma o lugar dos grandes e dos pequenos, das meninas e dos meninos” (LOURO, 2007, p.58). Por outro lado, os sujeitos também se identificam, social e historicamente, como masculinos e femininos e assim constroem suas identidades de gênero.

Nesta perspectiva, estudar as relações de gênero com um grupo de alunos de diferentes níveis de esclarecimentos é um trabalho complexo, conforme conceitua Auad (2004, p.28):

Gênero não é sinônimo de sexo (masculino ou feminino), mas corresponde ao conjunto de representações que cada sociedade constrói, através de sua História, para atribuir significados, símbolos e características para cada um dos sexos. Assim, as diferenças biológicas entre homens e mulheres são interpretadas segundo as construções de gênero de cada sociedade.

Sendo assim, como nascemos e vivemos em tempos e lugares específicos, gênero reforça a necessidade de se pensar que há muitas formas de sermos homens e mulheres, ao longo do tempo, ou no mesmo tempo histórico, nos diferentes grupos e segmentos sociais. Desta maneira, situar em um mesmo patamar os papéis desempenhados por homens e mulheres na construção da sociedade contemporânea ainda encontra barreiras que ancoram expectativas bastante diferenciadas com relação ao papel futuro dos nossos adolescentes. Tais expectativas talvez possam ser mais bem explicadas quando se tenta esclarecer que, na orientação sexual, não existe um padrão e verdade absoluta para as pessoas se relacionarem sexual e afetivamente com outras. Que esta denominação

“orientação sexual” também é fruto das experiências sociais, pessoais, de como a pessoa absorve e entende o mundo, seus desejos, seu corpo, o amor e as outras pessoas, experiências as quais são condição necessária para desmistificar que a heterossexualidade é a única forma de desejo e prazer possível para o ser humano. É entender que o desejo tem que ser vivido da forma mais prazerosa e traga satisfação, mostrando que nascer significa possuir uma multiplicidade de desejos e experiências que podem ser por pessoas do mesmo sexo ou não.

Não obstante este entendimento, já em outro momento da nossa discussão em sala com os alunos surge mais um relato:

[...] sabe pô...o meu primo tem um namorado que sempre vem lá em casa, e eles vão dançar todo sábado, num ‘lugar onde só vai home’. A mãe dele não gosta... ela briga com ele. Ela disse pra minha mãe que tem vergonha do filho. Que isso é muito ‘feio’. Mas sabe profe...eu até gosto dele...por que ele me deu um brinco que não queria mais...mas eu escondi...se a minha mãe pega esse brinco ela vai jogar no lixo[...].

É sabido que nossos adolescentes e jovens crescem entendendo como “verdades” estas “colocações ditas” pelos pais ou mães, incorporando como “feio ou bonito, certo ou errado” algumas concepções estereotipadas que envolvem a sexualidade e as relações de gênero disseminadas na família. Mas é no ambiente escolar que estes jovens podem se dar conta de que somos todos diferentes e que esta diferença, e não o desconhecimento ou falta de esclarecimento da família, pode deixar de atíçar a curiosidade, buscando-se o esclarecimento juntamente com os professores que são promotores desta transformação e ao mesmo tempo da desconstrução de preconceitos que estão imbricados na nossa sociedade.

Para entendermos melhor, Louro (2007) corrobora esta posição quando coloca que o sexo é biológico, no entanto os gêneros femininos e masculinos são papéis culturalmente construídos e podem ser diferentes, de acordo com os comportamentos de uma sociedade.

Ainda diante dos paradigmas resistentes na nossa sociedade, enquanto professores e família faz-se necessário trabalhar com estes jovens a negação desses preconceitos, admitindo e compreendendo que todas as formas de sexualidade são intrínsecas, legítimas e independem da vontade de se pertencer a esta ou aquela. A mudança de atitude pode e deve contribuir significativamente para a diminuição da discriminação, respeitando-se e aceitando-se que homens e mulheres vivam seus prazeres e desejos da forma que quiserem, sintam-se bem, sem carregar rótulos e estigmas.

Cabe a escola, em conjunto com a família se possível, trabalhar essas questões da diversidade sexual, da orientação e preferência sexual, para que os adolescentes possam desenvolver e exercer “sua sexualidade” com prazer e principalmente com responsabilidade. O apoio dos PCN neste sentido reforça que

[...] ao definir o trabalho de orientação sexual como uma de suas competências, a escola estará incluindo-o no seu

projeto educativo. Isso implica [...] em explicação para toda a comunidade escolar envolvida no processo educativo dos alunos [...] (BRASIL, 2009b, p.131).

Desta maneira, devemos trabalhar com as adolescentes questões desta natureza, convivendo com esta diversidade, ao mesmo tempo respeitando e valorizando este leque com diferentes níveis de entendimento, mais uma vez em meio às dúvidas. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) temos o caminho do processo educativo da sexualidade, o qual esclarece que a orientação sexual na escola deve ser entendida como problematizar, levantar questionamentos e ampliar o leque de conhecimentos e de opções para que o aluno, ele próprio, escolha seu caminho. Sendo que as diferentes temáticas da sexualidade devem ser trabalhadas dentro do limite da ação pedagógica, sem serem invasivas à intimidade e ao comportamento de cada aluno.

4 Conclusão

Que envolvimento a escola deve ter nestes assuntos com seus alunos? Em nosso mundo escolar, ficam nítidas as dificuldades dos professores para trabalhar com orientação sexual, pois a sexualidade sempre foi envolta de muitos tabus, mistérios e preconceitos pela sociedade, de modo que este assunto por muito tempo foi renegado para dentro dos muros da escola. Nesse sentido é preciso que a escola trace propostas que dirijam seu foco para os sujeitos da ação educativa, educadores e educandos enquanto sujeitos sociais, culturais, sujeitos de práticas, de pensamentos e de valores, de culturas e de identidades diversas.

A educação tem papel fundamental na vida das pessoas, e o ensino deveria envolver mais os temas transversais, envolvendo todas as áreas, disciplinas, professores, pois só assim o aluno terá uma efetiva formação com responsabilidades, independente de sua opção sexual, a qual o encoraja para viver seus desejos, sonhos e os sensibiliza sobre seus direitos e deveres no processo de escolha e descobrimento da sexualidade com seus pares.

É urgente mudar as formas de “olhar” nossos alunos. De mudar e gerir estes estereótipos, de inovar nossas práticas educativas para lidar com esses adolescentes, que trazem consigo uma bagagem própria, múltipla, com representações que a sociedade incutiu antes da escola.

Aprender a lidar com a totalidade das experiências humanas que perpassam a escola e aprender a fazer escolhas para dar conta dessa pluralidade de dimensões humanas são duas entre várias peculiaridades do professor, que tenta abarcar toda esta diversidade e fazer de sua prática a diferença dentro e fora do espaço escolar. Já em relação às escolas, quando estas resolvem desenvolver algum tipo de projeto ou trabalho na temática da sexualidade, fazem-no como uma abordagem biológica, ignorando os aspectos sociais, culturais, históricos envolvidos nesse processo de construção de significados. Nesse sentido, na disciplina de Geografia as questões

sociais fazem parte de seu próprio objeto de estudo. Mesmo assim é fundamental abordá-las em diferentes contextos de aprendizagem, na interdisciplinaridade, articulando esses temas em cada área, levando em conta que eles precisam se combinar com as concepções teóricas e metodológicas que integram o planejamento de todos os professores. Evidenciou-se neste trabalho, com estes alunos do último ano do ensino fundamental – 9º ano, a necessidade de melhoria das práticas docentes, bem como da qualidade educacional no que tange à temática das diversidades da educação sexual como um todo, procurando formar sujeitos bem informados, assumidos com sua preferência sexual e que, mesmo diante das dificuldades que a sociedade lhes confere, ainda sejam transformadores da realidade social em que estão inseridos. É sabido que os processos relacionados à sexualidade, ao gênero, à diversidade sexual, à identidade estão constantemente em “xeque”, e as famílias muitas vezes em estado de “choque”, reconfiguram-se e recompõem-se, formando arranjos e assumindo significados diversos. Não existem abordagens únicas. O leque de análises sobre esses temas na contemporaneidade é e sempre será amplamente discutido, questionado e diversificado, dentro e fora dos muros da escola, ou dentro e fora do quintal de casa.

Esta pesquisa ainda mostra que os métodos de ensino usados no ensino fundamental das instituições escolares sobre as questões sexuais não são esclarecedores o suficiente, nem explicativos a ponto de possibilitar o conhecimento adequado, culminando na busca de informações entre os alunos e seus pares, deixando muitas vezes de lado as orientações adquiridas na escola e na família. A postura do professor é fundamental, e faz-se necessário que seja cautelosa, uma vez que ele transmite, em vários momentos, os seus próprios valores em relação à sexualidade dentro da sala de aula. Na questão de gênero, por exemplo, ao tratar de questões relativas à população brasileira e suas desigualdades, espera-se que o professor transmita, mediante sua conduta, a equidade entre os gêneros e a dignidade de cada um individualmente. Ao orientar todas as discussões, deve, ele próprio, respeitar a opinião de cada aluno e ao mesmo tempo garantir o respeito e a participação de todos, considerando o “mundo” de cada um desses jovens em sua diversidade e conflitos.

Referências

- ARROYO, M.G. *Ofício de mestre*. Imagens e autoimagens. Petrópolis: Vozes, 2000.
- AUAD, D. *Relações de gênero nas práticas escolares: da escola mista ao ideal de coeducação*. 2004. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- BAUER, M.W.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. São Paulo: Vozes, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Administração. *Alfabetização e diversidade*. Gênero e diversidade sexual na escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos. Brasília: MEC, 2009a.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros*

- Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual.* Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC, 1997.
- CIAMPA, A.C. *A estória do Severino e a história da Severina.* São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CIAMPA, A.C. *Carreira sem fronteiras identidade humana e identidade profissional.* São Paulo: PUC, 2000.
- DUBAR, C. *A crise das identidades, a interpretação de uma mutação.* Porto: Afrontamento, 2006.
- GATTI, B.A. *Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas.* Brasília: Líber Livro, 2005.
- LOURO, G.L. *Gênero, sexualidade e educação.* Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2004.
- LOURO, G.L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. (Org.). *O corpo educado.* Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- MINAYO, M.C.S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.* São Paulo: Hucitec, 2008.
- NEVES, J.L. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. *Cad. Pesq. Adm.*, v.1, n.3, 1996.
- SANTOS, M. *Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica.* São Paulo: Hucitec, 1986.